

Editorial.

Nesse momento de lançamento do primeiro número, se faz necessário apresentar o tão novo projeto Revista-Valise. Iniciativa do corpo discente do PPGAV/UFRGS, essa publicação *on-line*, se constitui como um espaço para artigos de mestrandos, doutorandos e pesquisadores em geral, realizados no campo das Artes Visuais e áreas afins, na medida em que as artes visuais vivenciam um alargamento de seus limites.

Ao proporcionar um espaço qualificado de publicação para pesquisadores, nós, como editoras, buscamos ativar discussões e promover pontos de intersecção entre práticas e projetos distintos. Além disso, ao propor o alinhamento da produção artística e teórica atual, expressamos nosso desejo de contribuir para a interlocução entre diferentes instituições e colaboradores independentes, ampliando a difusão dos resultados da pesquisa.

Nessa direção, encontramos no nome da publicação, Revista-Valise, uma espécie de desdobramento que descende de *palavra-valise*¹, indicando um elemento novo, um resultado da fusão de duas palavras. Tal qual Alice, nós aprendemos com Humty Dumpty que *palavra-valise* “é uma palavra braquilógica, como se fosse uma maleta em que você guarda ao mesmo tempo os artigos de toalete e uma muda de roupa íntima. Há dois significados empacotados em uma palavra só”. Igualmente, a Revista-Valise intenta ser um espaço para a construção de novos sentidos, configurados através do encontro de diferentes exercícios de pesquisa. Uma publicação que abriga produções de origens distintas, que colocadas em relação, não só compartilham um mesmo espaço, mas geram novos sentidos.

A chamada de trabalhos foi realizada em fevereiro de 2011, resultando na submissão de 34 trabalhos de diferentes regiões do país. As submissões foram avaliadas pelos membros do Conselho Editorial e por pareceristas *ad hoc*, seguindo



rigorosamente o sistema de avaliação cega, por pares. Esse sistema, que será adotado permanentemente pela Revista-Valise, garante os cuidados necessários para que a identidade de autores e avaliadores não seja revelada durante o processo, garantindo a imparcialidade na seleção.

Na contagem de trabalhos, logo percebemos que o número de submissões ultrapassou o que este primeiro volume poderia comportar, o que nos deixou imensamente felizes com a confiança depositada nesse projeto por tantos pesquisadores. Porém, essa ocorrência implicou na necessidade de realizarmos uma divisão, possibilitando que os artigos excedentes já estejam em linha de avaliação para o próximo número.

Assim, editamos o primeiro sumário a partir dos artigos selecionados e daqueles escritos através de convite, como é o caso de “Uma experiência pelicular”, de Jacinto Lageira e o ensaio visual “Lacuna Edições”, de Michel Zóximo da Rocha. Lageira apresenta uma reflexão, originalmente publicada em francês, acerca das relações entre o háptico e o óptico na obra de arte, considerando tanto o ponto de vista dos criadores até a experiência de seus intérpretes. O artista Michel Zóximo criou, especialmente para a Revista-Valise, uma série de possíveis capas de livros, centradas na figura de Marcel Duchamp.

Os artigos tecem análises que perpassaram temas como o desenho, a gravura, a fotografia e a pintura. Discutem o estatuto das obras de arte, a história da arte brasileira e seus conceitos, além de apresentarem importantes considerações sobre o sistema das artes atual e a fruição artística.

Escrito por Vivian Herzog, o primeiro artigo procura afinidades entre a realização de desenhos e as escolhas por determinados materiais durante o processo, objetivando mapear as relações referentes “às etapas de elaboração dos reservatórios de desenhos”.

Luciana Estivalet apresenta seu processo artístico, trazendo à discussão a matriz da gravura em metal como elemento plástico, tendo como referência as iluminuras.

A seguir, Vitor Hugo Gorino, reflete sobre a obra de Darel Valença Lins, no tocante à sua produção de gravuras e de ilustrações. O artigo salienta também o pioneirismo do artista na apropriação de imagens, no âmbito da gravura brasileira, no início da década de 70.



Sabrina Maurília dos Santos, busca evidenciar os indícios do sublime como categoria estética, partindo da obra de Edward Hopper, William Blake, Johann Heinrich Füssli e Charles Baudelaire.

Em “O que fazer com imagens? Algumas possibilidades a partir do trabalho de Alfredo Jaar e Rosângela Rennó”, Camila Monteiro Schenkel, analisa como os dois artistas lidam com as questões da imagem na contemporaneidade.

Renata Biagioni Wroblewski propõe discutir as relações entre arte e sexualidade na obra da artista Catherine Ophie.

A partir da mostra *Video Portraits*, de Robert Wilson, a pesquisadora Paula Cristina Luersen discute o papel da informação e a possibilidade de experiência implicada no processo receptivo das obras do artista.

Em seu artigo, Thaise Nardim, se posiciona frente a obra de Allan Kaprow, focando especialmente o conjunto de trabalhos chamado Atividades. À análise soma-se a influência da teoria de John Dewey no percurso produtivo do artista.

Abordando o conceito de *não-objeto* e as motivações para a criação do mesmo por Ferreira Gullar, Jorge Soledar aponta a relevância da produção teórica na escrita da arte Neoconcreta e da arte contemporânea brasileira.

Transversal a três aspectos compreendidos pelo sistema das artes, o artigo de Bettina Rupp trata do tema “curadorias contemporâneas” ao discorrer sobre a atividade do curador enquanto autor de exposições.

Na tentativa de compreender as implicações do surgimento do Núcleo de Arte Contemporânea, da UFPB, em 1978, e a sistemática diminuição de suas atividades a partir de 1985, Fabrícia Cabral de Lira Jordão considera, por meio de duas hipóteses, as possíveis causas do início e diminuição das atividades da instituição através da política cultural exercida no período.

Ao discutir a exposição *Através*, de Amélia Brandelli, Eduardo de Souza Xavier propõe analisar a pintura no contexto artístico do Rio Grande do Sul. Para isso, estabelece como parâmetro a produção de quatro artistas locais que, em diferentes momentos, problematizaram a referida linguagem e sua inserção artística.

Por último, Daniely Meireles do Rosário aborda em “A percepção do grafismo autodidata que anuncia na cidade: produção e tradução do cotidiano”



os anúncios de salões de beleza realizados por pintores e desenhistas autodidatas, na cidade de Belém/PA, e a simplicidade contida nos reclames, que “produzem e comunicam novos valores e meios de produção estética”.

Os artigos participantes dessa primeira edição analisaram a produção artística e os desafios que as linguagens da arte impõem em seu fazer. Buscaram, de maneira criativa, crítica e reflexiva, desvendar os possíveis atravessamentos presentes em diversas obras. Contudo, para que pudessem ser envolvidos em um efetivo espaço de diálogo, era preciso que esta publicação se tornasse, mesmo que virtualmente, real. É assim que agradecemos a valiosa colaboração de todo o conselho editorial, dos pareceristas *ad hoc* e da muito eficiente equipe de produção que, unidos em sua determinação, permitiram a concretização dessa primeira Revista-Valise.

As editoras.

¹ Cf. CARROLL, Lewis. *Alice no País do Espelho*. Porto Alegre: L&PM, 2008, p. 120.

